COÉLET E A IRONIA – UMA FORMA DE SABEDORIA E RESISTÊNCIA

Ana Maria e Sandro Gallazzi

Refletir e escrever sobre os grandes projetos na Amazônia pode parecer tarefa fácil, afinal a Amazônia é a terra dos megaempreendimentos. Há muitos anos.

Mas o óbvio nem sempre é fácil!

O que dizer, como abordar este tema com o qual convivemos até a saturação?

Como voltar a falar do que causa destruição, insegurança, sofrimento, morte, sem cair na mesmice, sem repetir chavões que nem a nós convencem mais?

Coélet nos inspira e nos oferece uma chave diferente: a da ironia.

Já ensaiamos, em outras oportunidades[1], uma leitura de Coélet como crítica profunda ao que todos aceitam como verdade verdadeira, a crítica de quem não se curva à propaganda e à ideologia dominante, mas continua teimosamente a pensar com sua própria cabeça, ou melhor: a acreditar naquilo que seus olhos, seus ouvidos, sua barriga percebem.

É o "bom senso" popular, contra a propaganda global, que quer a todo custo mostrar que o "progresso" é a melhor saída.

E nos fascina pensar, como é possível supor, que Coélet seja mulher/es, aquelas que sentem, a partir da casa, o peso de projetos que não levam em conta a vida, e que por isso são ilusão.

É em companhia dela/as que buscamos a ironia que permite sobreviver, não só física mas também ideologicamente, à opressão implantada, desde então e até hoje, pelos projetos de exploração, nesta terra que era para ser farta e boa para todos.

Será que nossa militância, que nossas entidades e, por que não, também nossos estudos bíblicos, não podem se alimentar da ironia, do sarcasmo, como uma das formas para enfrentar os gigantes de ontem e de hoje?

A história, porém, sobretudo aquela narrada pelos poderosos, costuma enaltecer seus referenciais.

Na nossa memória ecoam as palavras ufanistas com que o primeiro livro dos Reis e, mais ainda, o segundo livro das Crônicas relembram os feitos de Salomão. Muitas vezes é esta a leitura que passa como justa e correta em nossas comunidades.

1. "O teste dos olhos, o teste da casa, o teste do túmulo – Uma chave de leitura do livro de Qohelet", em *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, nº 14, Petrópolis, Vozes, 1993, p. 50-72; "A mulher é mais amarga do que a morte (?)", em *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, Vozes, 1998, nº 56, p. 16-27.

Davi e Salomão são exemplo disso; são o critério de um reino bem-sucedido, de grandeza, de triunfo, de esplendor, de orgulho nacional:

"Salomão dominava (...) sobre todos os reis da Transeufratênia, gozando de paz em todas as fronteiras ao redor. Também os filhos de Judá e de Israel viviam em segurança cada um à sombra da sua vinha e da sua figueira, desde Dã a Bersabéia, durante toda a vida de Salomão" (1Reis 5,4-5).

Em destaque, em primeiro lugar, está a sua sabedoria:

"Deus concedeu a Salomão sabedoria e prudência extraordinárias e uma mente aberta como as praias à beira-mar. A sabedoria de Salomão era maior que a de todos os sábios do Oriente e do Egito (...) Por isso, de todos os povos acorria gente para escutar a sabedoria de Salomão, e ele recebia presentes de todos os reis da terra que tinham ouvido falar da sua sabedoria" (1Rs 5,9-14).

Depois vêm as suas obras:

"Construiu o templo do Senhor, o palácio real, o Melo, a muralha de Jerusalém e as cidades de Hazor, Meguido e Gazer (...), Bet-Horon Baixa, Baalat, Tamar no deserto, no país (de Judá); ele também construiu todas as cidades de depósitos de que dispunha, as cidades de carros de combate e cavalos, bem como todas as outras obras que ele queria executar em Jerusalém, no Líbano e em todo o âmbito do seu domínio" (1Reis 9,15b-19).

As obras e o poder, como sempre, geram riquezas:

"O rei Salomão também armou uma frota em Asiongaber. (...) Tendo chegado a Ofir, fizeram um carregamento de ouro, num total de quatrocentos e vinte talentos, e o levaram ao rei Salomão. (...) O ouro que Salomão recebia cada ano pesava 666 talentos, isto sem falar das contribuições impostas aos comerciantes e ao tráfico de mercadorias, a todos os reis da Arábia e aos governadores do país. (...) O rei mandou fazer também um grande trono de marfim e o revestiu de ouro de lei. (...) Todos os cálices do rei Salomão eram de ouro e todo o vasilhame da casa do Bosque do Líbano era igualmente de ouro batido, tanto assim que nos dias de Salomão não se fazia nenhum caso da prata. É que o rei tinha no mar uma frota de Társis junto com a frota de Hiram, e de três em três anos a frota de Társis trazia um carregamento de ouro e prata, de marfim, macacos e pavões" (1Reis 9,26-28; 10,14-22).

Isso sem falar do poderio militar, da hegemonia política sobre toda a região e da pesada tributação imposta a cidadãos e reinos:

"Salomão dominava sobre todos os reinos desde o rio até a Filistéia e as fronteiras do Egito; eles traziam o tributo e lhe estavam sujeitos enquanto ele viveu. O sustento diário de Salomão importava em 30 tonéis de flor de farinha e 60 tonéis de farinha comum, dez bois cevados e 20 bois de pastagem, 100 animais de gado miúdo, sem falar dos cervos, gazelas, veados e aves cevadas. (...) Salomão possuía 4.000 baias para os cavalos da sua frota de carros de combate e 12.000 cavalos" (1Reis 5,1-3.6).

Tudo perfeito, não fossem as mulheres estrangeiras:

"O rei Salomão amou muitas mulheres estrangeiras, a saber: além da filha do Faraó, ainda moabitas, amonitas, edomitas, sidônias e hititas. (...) É a elas que Salomão

apegou o seu coração. Ele teve 700 esposas de categoria e 300 concubinas. Quando Salomão ficou velho, as suas mulheres lhe desviaram o coração, fazendo-o seguir deuses estranhos, de modo que seu coração já não pertenceu integralmente ao Senhor seu Deus, ao contrário de seu pai Davi" (1Reis 11,1-4).

Mais tarde o cronista, num trabalho de limpeza histórica, irá esquecer este e outros detalhes menos dignos e Salomão sairá de suas páginas como um homem sem defeitos, perfeito. Esta tradição se impôs ao longo dos séculos. Salomão passou a ser a figura simbólica do sucesso; tudo por causa de sua sabedoria.

Assim a tradição posterior irá atribuir a Salomão a "autoria" de várias obras sapienciais, quase um "Pentateuco": Provérbios, Cântico dos Cânticos, Sabedoria, Coélet e vários Salmos. Os Salmos e as Odes de Salomão, dois apócrifos, completam esta lista.

Todas estas obras enaltecem Salomão e a sua sabedoria.

Todas, exceto duas. Os textos do Cântico e da Coélet são um primor de ironia crítica e cáustica; o da Coélet, sobretudo, pois põe em discussão tudo o que foi típico do sucesso de Salomão: sabedoria, obras, riquezas e mulheres.

Para compreender a força desta página vamos ler o texto da Coélet em sinopse com o texto do Sirácida, um dos últimos textos do Antigo Testamento que retomou a versão oficial da história. A comparação nos será muito útil.

Eclesiástico	**Coélet**
Salomão reinou em tempo de paz. Deus lhe concedeu tranqüilidade ao redor, a fim de que edificasse uma casa para seu Nome e preparasse um santuário para sempre.	Palavras de Coélet, filho de Davi, rei de Jerusalém. Eu, Coélet, fui rei de Israel, em Jerusalém.
Sabedoria Como eras sábio na juventude, e transbordante de inteligência como um rio! Tua alma recobriu a terra e a encheste com parábolas e enigmas. Teu nome chegou até as ilhas distantes e foste amado por tua paz. Por teus cânticos, provérbios, parábolas e interpretações, todos os países te admiram.	*Sabedoria* Dediquei-me a investigar e a explorar com sabedoria tudo que se realiza debaixo do céu. Opressão que Deus impôs aos homens, para com ela se ocuparem. Examinei todas as obras que se fazem debaixo do sol: na verdade, não passam de **vaidade** e correr atrás do vento. O que é torto não se pode endireitar; o que falta não se pode calcular. Pensei comigo: Eis que me tornei grande e provecto em sabedoria, mais do que meus predecessores que reinaram sobre Jerusalém; minha mente alcançou sabedoria e muita ciência. Ao dedicar-me, porém, a conhecer a sabedoria e a perceber a cegueira e a insensatez, compreendi que também isso é correr atrás do vento, porque em muita sabedoria há muito desgosto; aumentando a ciência, aumenta o sofrimento.

	Prazeres Eu disse para mim: "Vai, experimenta a alegria e goza os prazeres!" Mas também isso era vaidade. Do riso eu disse: "Loucura!", e da alegria: "Qual é seu fruto?" Resolvi alegrar meu corpo com o vinho – sob o sábio controle do meu coração – e dar-me à frivolidade, até descobrir o que seria melhor os homens fazerem debaixo do céu durante os breves dias de sua vida.
Obras (A fim de que edificasse uma casa para seu Nome e preparasse um santuário para sempre.)	*Obras* Empreendi grandes obras, construí para mim palácios, plantei vinhedos, fiz jardins e pomares, onde plantei árvores frutíferas de toda espécie. Construí reservatórios de água para regar o bosque de plantas novas. Adquiri escravos e escravas; outros nasceram em minha casa. Eu possuía maiores rebanhos de vacas e ovelhas do que meus predecessores em Jerusalém.
Riquezas e mulheres Em nome do Senhor Deus, chamado Deus de Israel, juntaste ouro como se fosse estanho e como chumbo acumulaste a prata. Mas inclinaste teus flancos às mulheres, e em teu corpo foste subjugado. Maculaste assim a tua glória, e profanaste tua descendência: atraíste a cólera sobre teus filhos e os fizeste sofrer por tua loucura. Teu domínio foi dividido em dois, e de Efraim surgiu um reino rebelde.	*Riquezas e mulheres* Acumulei também prata e ouro, tesouros de reis e províncias. Escolhi cantores e cantoras e – as delícias dos homens – não poucas mulheres. Subi na vida e tornei-me mais importante do que todos quantos me precederam em Jerusalém. Minha sabedoria, porém, certamente me assistia. Nada recusei aos desejos dos meus olhos. Jamais privei meu coração de algum gozo, pois meu coração desfrutava de todos os meus esforços, como prêmio por todas as minhas fadigas.

"Vaidade": já aparece aqui; é sinal de algo que não alcança resultado: inútil, pernicioso porque ilusório e falso. A sabedoria, mesmo a maior do mundo, é vaidade; assim como os prazeres, as obras, a riqueza. Falando em obras, chama atenção a ausência da obra mais importante; a única, aliás, relembrada por Ben Sirac: a construção do templo de Jerusalém.

Falar de Salomão e esquecer o templo é como falar de Moisés, esquecendo o êxodo e os dez mandamentos: é tirar o referencial maior do personagem, o elemento identificador. Palácio e vinhas, pomares e rebanhos, cisternas e escravos... Salomão só fez isso. Nada que qualquer outro poderoso não tenha feito. Nada demais!

Já nisso a ironia da Coélet se supera.

Mais interessante, porém, é comparar as considerações finais dos dois textos.

Sirácida conclui que, apesar dos erros de Salomão com as mulheres:

"O Senhor não desiste da sua misericórdia e não deixa perecer nenhuma de suas palavras. Por isso não destruiu a posteridade de seu eleito, nem exterminou a descendência daquele que o amava. Deu a Jacó um resto e a Davi, uma raiz que nasce dele" (Eclesiástico 47,22).

Seja o que for que tenha acontecido, Javé não mudou sua opção em relação à dinastia davidita. Suas promessas e sua misericórdia não mudam nem vacilam: a posteridade de Davi não vai ser prejudicada.

Parece o eco da primeira grande promessa guardada na profecia de Natã:

"Eu serei para ele um pai, e ele será meu filho. Se ele proceder mal, eu o castigarei com vara de homens e com golpes humanos. Mas *não retirarei dele a minha benevolência*, como a retirei de Saul, que eliminei da tua presença. *Tua casa e tua realeza subsistirão para sempre diante de ti*; teu trono ficará estável para sempre" (2Samuel 7,14-16).

Numa linha completamente diferente vão as considerações da Coélet.

Logo no início, ao falar da sabedoria, eixo central do sucesso de Salomão, já tinha aparecido sua crítica quando definiu a sabedoria como "opressão que Deus impôs aos homens, para com ela se ocuparem", como "correr atrás do vento", e tinha concluído afirmando que "em muita sabedoria há muito desgosto; aumentando a ciência, aumenta o sofrimento."

Muito mais consistentes, porém, são as afirmações finais, quando Salomão é levado a concluir com amargura:

"Depois examinei todas as obras de minhas mãos e a fadiga que me custou realizá-las, e eis que tudo era vaidade e correr atrás do vento, e nada havia de proveitoso debaixo do sol" (Coélet 2,11).

E, mesmo afirmando que "a sabedoria leva vantagem sobre a insensatez, como a luz sobre as trevas", Coélet sabe que ela não é causa de nenhum sucesso. Afinal sábios e tolos morrem da mesma forma: "Infelizmente o sábio há de morrer como o insensato". "Se me aguarda a mesma sorte do insensato, de que me serve ser sábio?" E concluí comigo mesmo: "também isso é vaidade" (Coélet 2,15).

O processo de auto-avaliação continua implacável. Se houve sabedoria em Salomão ela consistiu em descobrir, depois de muito tempo, que: "tanto do sábio como do insensato não se terá lembrança por muito tempo; ao contrário, passado algum tempo, tudo será esquecido. E assim detestei a vida, ao ver que é mau tudo que se faz debaixo do sol; que tudo é vaidade e correr atrás do vento" (Coélet/Eclesiastes 2,16-17).

Obras, trabalhos, riquezas, também, não resistem a esta crítica que, em se falar de Salomão, o herdeiro por excelência do trono davídico e garantia de imorredoura dinastia, chega a ser sarcástica:

"E detestei todo o trabalho com que me afadiguei debaixo do sol, pois tenho que deixar tudo para um sucessor. E quem sabe se ele será sábio ou insensato? Ele herdará o que me custou tanto esforço e habilidade debaixo do sol. Também isso é vaidade" (Coélet/Eclesiastes 2,18-19).

O sucessor é visto, de certa maneira, como um aproveitador desabusado que fica com o que o pai fez. Aliás, não foi isso que aconteceu com o próprio Salomão quando, pelas artimanhas de Betsabéia, herdou o reino de seu pai Davi?

"Porque um homem que trabalhou com conhecimento, perícia e bom êxito vê-se depois obrigado a deixar tudo em herança a outrem que em nada colaborou. Também isso é vaidade e grande desgraça" (Coélet 2,21).

Este "sucessor" nada tem a ver com o messias esperado, com o "filho de Davi" no qual muitos judaítas colocavam suas esperanças de reconstrução nacional.

Mas não basta. Coélet precisa ir até o fim em sua capacidade de rir-se dos poderosos:

"Em verdade, o que resta ao homem de todos os trabalhos e preocupações que o afadigam debaixo do sol? Todos os seus dias são dores e seu trabalho desgosto; nem mesmo de noite repousava seu coração. Também isso era vaidade" (Eclesiastes/Coélet 2,22-23).

Tudo – sabedoria, obras, prazeres, riquezas e mulheres – é "*vaidade*", fumaça, um nada. Tudo recebe por parte da Coélet este selo identificador, uma espécie de ISO 9.000 ou de ISO 14.000[2] da burrice mais hedionda.

Salomão com toda sua sabedoria, todo seu poder e toda sua grandiosa majestade, só no fim chega a descobrir a mais óbvia das verdades, resumo de toda sabedoria, que "qualquer um" conhece:

"Não há outro bem para o homem além de comer, beber e gozar do fruto de seu trabalho" (Eclesiastes/Coélet 2,24).

É a sabedoria do nosso índio, considerado selvagem, é a sabedoria do nosso negro, chamado de irresponsável, é a sabedoria do nosso caboclo tachado de preguiçoso. É a sabedoria da viúva de Sarepta, da mulher siro-fenícia, de nossas mães, de tantas mulheres que sabem que o que conta é uma mesa farta, uma casa limpa e tanta alegria. É a sabedoria da avó de nossa amiga boliviana Luz Jiménez que dizia, com sua sabedoria indígena, que o que vamos levar conosco depois da morte: "es lo comido, lo bebido y lo bailado".

É a sabedoria de Jesus, o filho da mulher:

"Não ajunteis riquezas na terra, onde a traça e a ferrugem as corroem, e os ladrões assaltam e roubam. (...) Não podeis servir a Deus e às riquezas. Por isso vos digo: Não vos preocupeis com vossa vida, com o que comereis, nem com o corpo, com o que

2. ISO 9.000 e ISO 14.000 são critérios de certificação de qualidade ambicionados pelas empresas.

vestireis. (...) Olhai os pássaros do céu: não semeiam, nem colhem, nem guardam em celeiros, mas o Pai celeste os alimenta. (...) E por que vos preocupais com as vestes? Observai como crescem os lírios do campo: não trabalham nem fiam. Mas eu vos digo que nem Salomão com toda a sua glória se vestiu como um deles. (...) Buscai, em primeiro lugar, o reino de Deus e sua justiça e todas estas coisas vos serão dadas de acréscimo" (Mateus 6,25-34).

Salomão, de novo. Um Salomão que nem se compara com a mais simples flor do campo. É isso que Salomão esqueceu. Ele estudou, trabalhou e se esforçou tanto mas se esqueceu de Deus e de sua vontade. Esqueceu-se do Pai dos céus que cuida amorosamente de nós.

Agora, no fim, ele vai ter que admitir: "notei que isso vem da mão de Deus, pois: 'Quem pode, sem mim, comer e cuidar de si?'" (Eclesiastes/Coélet 2,24b-25).

Sabedoria e alegria – não fadiga insuportável – é o dom de Deus aos seus amados. "Ao homem que lhe agrada ele dá sabedoria, ciência e alegria" (Coélet 2,26a).

Trabalhar para juntar e acumular é o trabalho pesado entregue como tarefa ao pecador: "ao pecador, porém, ele impõe o trabalho de juntar e acumular" (Eclesiastes/Coélet 2,26b).

E aqui Coélet se supera. Ela, que sempre manteve os olhos fixos na realidade cotidiana, que não se deixou desviar por sonhos e ilusões, agora busca enxergar longe: amanhã, o que o "pecador" terá acumulado e juntado será dado aos amados de Deus. "Ao pecador ele impõe o trabalho de juntar e acumular, para ser dado a quem agrada a Deus. Isso é vaidade e correr atrás do vento" (Eclesiastes/Coélet 2,26c).

Ao reler o que escrevemos, vemos que só fizemos repetir palavras da Bíblia, não apresentamos descobertas nem novidades. Sequer fizemos um comentário exegético. Só deixamos que a Bíblia falasse. Talvez, como Coélet, só falamos com o nosso coração.

Escrevemos estas páginas sob a pressão de semanas, de meses de trabalho duro: três grandes projetos estão em discussão, no Amapá, nos últimos anos: dois de mineração e um de reflorestamento. Todos de multinacionais, todos altamente agressivos, ao povo e ao meio ambiente. Todos altamente lucrativos, para as empresas. Grandes demais para um estado pequeno como o Amapá. Opressivos demais para uma população de 500 mil pessoas.

O que fazer? Como se opor, questionar, denunciar, quando as forças são tão desproporcionais...?

A tentação de desistir, de achar que não tem jeito, espreita por nós a cada dificuldade, assim como, a cada embate, se reafirma a certeza de ter que continuar, custe o que custar, pois não temos "nada a temer, senão correr da luta, nada a fazer, se não fugir do medo, o medo...." – como canta Milton.

Ainda queimam, em nossos ouvidos, as palavras cínicas de um diretor da Anglo Gold, a maior mineradora do mundo, que falou: "vocês, com suas idéias de justiça social, são o passado, nós somos o futuro!"

Temos sentido a fadiga, na primeira linha do embate. Temos buscado sobreviver a esta fadiga, não deixar que tome conta das nossas vidas, mesmo que, às vezes, abocanhe grandes pedaços.

Somos gratos a Coélet, uma das tantas amigas da Bíblia, que nos mostram mais uma forma de resistência, com sua ironia mordaz e lúcida, com sua teimosia em perseguir e querer o que mais interessa e dá gosto: comer, beber, fazer festa, junto com a pessoa amada!

O resto é preocupação que tira o sono: é verdade, eu também vi!

Vi, nos últimos meses, uma das multinacionais, que está no Amapá, ser comprada por outra, ainda maior. Coisas da globalização, exigências do mercado, normal compra de ações... Isso parece sempre explicar tudo!

Vi, por causa disso, os grandes executivos temer pelo emprego, pelo futuro, pelas mordomias que podem perder, já que outros entrarão em seu lugar. Exigências do mercado, corte de despesas, otimização de serviços... Isso explica tudo, parece.

E aqueles que tanto se empenharam para que o projeto fosse implantado, que tanto assumiram os interesses da empresa, que tanto nos hostilizaram, quando foram obrigados a renegociar a volta dos agricultores às suas terras... agora estão sendo descartados, dispensados. Outros tomarão seus lugares, até o próximo ajuste.

Tanta fadiga por nada, tanto afã, para que outros se beneficiem!

Como Coélet enxergava bem, séculos atrás! Como continua lúcida e atual em suas análises!

Pensamos e escrevemos estas páginas enquanto tocava, na rua e na praça próximas à nossa casa, a música das quadrilhas das festas juninas. São homens, mulheres, crianças, jovens, que durante um mês ensaiam e depois dançam, cantam, comem e bebem, brincam e namoram... por noites a fio.

Talvez sejam eles e elas aqueles que mais se aproximam da Coélet com quem dialogamos nestas páginas. São eles que sabem, ainda hoje, comer, beber, gozar a vida, se amar.

Talvez tenhamos que nos juntar a eles... para podermos agüentar tanta pressão, para gozar o bom e o bem que a vida nos dá! Para descobrir o ridículo dos que parecem nos engolir com tanta avidez.

Na vida e na festa do povo, na força da palavra, nossa forma de resistência!

Ana Maria e Sandro Gallazzi
Caixa postal 12
Macapá – AP
68906-970
cptap@zaz.com.br